

Visões de “bom professor” e sua relação com a Pedagogia da Autonomia.

Me. Edmila Silva de Oliveira
Me. Germinio José da Silva Junior
Dra. Denise Aparecida Brito Barreto





Visões de “bom professor” e sua relação com a Pedagogia da Autonomia

O artigo apresenta as concepções de licenciandos em Pedagogia e em Letras sobre o “bom professor” e propõe interlocuções com os ideais freireanos presentes na obra *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. O objetivo é compreender como essas concepções dialogam com as propostas apresentadas por Freire (1996). O percurso metodológico se caracterizou por uma abordagem qualitativa, sendo que os dados apresentados foram obtidos por meio da utilização da ferramenta *Google Forms*. Vinte estudantes de uma Universidade pública da Bahia participaram da pesquisa. A análise dos dados possibilitou o destaque de cinco categorias: a) professor humano b) professor que sabe ensinar o conteúdo c) professor compreensivo/ que entende as dificuldades dos/das estudantes d) professor que ensina e aprende e) professor que ama o que faz. Os resultados apontaram que embora os participantes tenham caracterizado o “bom professor” como um profissional que valorize o diálogo, o respeito e as boas relações, há que se considerar que esta caracterização não se configura como acabada, devido à complexidade do que “ser professor” representa.

Edmila Silva de Oliveira
Germinio José da Silva Junior
Denise Aparecida Brito Barreto



Considerações Iniciais

Ao longo dos anos, diversas pesquisas têm sido realizadas sobre o que seria o “bom professor” e o desenho que coaduna com este imaginário do “bom” profissional da educação. Os trabalhos de Fernandes (1980), Martinez

(2010), Ventura *et al* (2011) e Cunha (2013) apontaram que os/as estudantes sinalizam, no “bom professor”, questões relacionadas ao “saber e saber fazer” - mais voltados para as competências formais - e ao “saber ser” - mais próximo das competências pessoais que denotam uma perspectiva multidimensional.

Nessa toada, o interesse em conhecer as visões dos estudantes de licenciatura de uma Universidade pública da Bahia a respeito do “bom professor” é decorrente das práticas docentes no componente curricular “Didática”, que propõe em sua ementa a discussão das relações dialéticas fundamentais do processo de trabalho docente, dentre elas: sujeito-objeto; teoria-prática; ensino-aprendizagem; conhecimento-conhecer; professor-aluno; aluno-aluno.

Para o desenvolvimento do estudo, partimos da seguinte questão: quais as concepções de licenciandos em Pedagogia e em Letras sobre o que se caracteriza como um “bom professor”? Aproveitando o ano do centenário de Paulo Freire, pensamos em incorporar a questão desse “bom professor” às concepções e idealizações pedagógicas do trabalhador docente, presente da obra *Pedagogia da Autonomia*, publicada em 1996.

Considerando estes aspectos, o texto encontra-se organizado da seguinte maneira: após estas considerações iniciais, apresenta o percurso metodológico; em seguida, explana as interlocuções entre a *Pedagogia da Autonomia* e as concepções de “bom professor. Nos tópicos seguintes, é realizada uma análise das respostas em função da identificação de concepções apresentadas pelos estudantes. Essas respostas foram categorizadas de acordo com os saberes necessários à prática educativa apresentadas por Freire (1996). O penúltimo tópico analisa o exercício do “bom professor” com base na *Pedagogia da Autonomia* proposta por Freire e, por fim, são apresentadas algumas considerações finais.

Cientes da relevância de pesquisar a complexidade de ser um “bom professor”, entendemos que este estudo pode ser um estímulo para que os professores (*re*)pensem suas práticas. Essa ação de pensar, refletir - e se for o caso -, (*re*)significar, se relaciona com a construção de uma Didática fundamental defendida por Candau (2000), que se interliga às dimensões humanas, técnicas políticas e sociais, as quais influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Percurso metodológico

A presente investigação trata-se de um estudo qualitativo que, em congruência com Minayo (2002) aprofunda-se nos significados das ações e relações humanas, sendo que o foco é a compreensão e a interpretação da realidade. Em estudo recente, De Oliveira e Barreto (2021, p. 4) afirmam que “o percurso trilhado pela pesquisa qualitativa faz emergir aspectos subjetivos e são utilizadas quando a busca é feita no sentido de captar percepções e entendimento sobre a natureza geral de determinada questão”. É justamente esse aspecto subjetivo que dá margem à interpretação no momento da análise das informações obtidas.

Para a produção e coleta de dados foi utilizada a ferramenta *Google Forms* com uma única questão aberta “Como você descreveria um bom professor?”. A escolha dessa ferramenta se justifica, inicialmente, por conta das restrições decorrentes da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus, que causa a SARS-CoV-2 (Covid-19), bem como pela “praticidade no processo de coleta das informações” (MOTA, 2019, p. 373), além da possibilidade de acessar a pergunta elaborada em qualquer local e horário e de ser muito útil para a coleta e análise de dados estatísticos, favorecendo o andamento da pesquisa.

A amostra foi constituída por vinte e cinco estudantes de uma Universidade pública da Bahia, os quais tiveram seus nomes substituídos pela

letra E seguida de um número. Vale chamar atenção para o fato de que tanto o objeto do estudo quanto os objetivos delineados assinalaram para uma definição intencional dos participantes, a fim de assegurar que eles fossem estudantes de uma Universidade Pública na Bahia, matriculados nos cursos de Pedagogia e de Letras e que já tivessem cursado o componente curricular Didática.

Outro aspecto que deve ser mencionado é que esta pesquisa delimitou o universo de participantes a 40 (quarenta) estudantes, no entanto, embora o formulário tivesse sido disponibilizado no final do mês de agosto e fechado para respostas em meados de outubro, apenas 25 estudantes demonstraram interesse em participar.

O processo analítico, que caminhou na direção de responder à questão de pesquisa previamente formulada, originou cinco categorias, as quais consoante com Amado, Costa e Crusoé (2017, p. 315), “traduzem as ideias-chave veiculadas pela documentação em análise”, e, por meio de um mapeamento estruturado, apreendemos, aos poucos, as concepções sobre o ‘bom professor’. A próxima seção apresentará os resultados da análise das respostas enviadas pelos participantes que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

Interlocuções entre a Pedagogia da Autonomia e as concepções de “bom professor”

A realização do presente estudo apontou para a necessidade de se olhar com mais cuidado para as visões dos/das estudantes de licenciatura sobre os atributos do “bom professor”, visto que são recorrentes as discussões sobre as posturas, práticas e papéis atribuídos ao professor no processo de ensino-aprendizagem. Na ótica de Cunha (2013, p. 24)

Uma visão simplista diria que a função do professor é ensinar e poderia reduzir este ato a uma perspectiva mecânica e descontextualizada. [...] Entretanto, sabe-se que o professor não ensina no vazio, em situações hipoteticamente semelhantes. O ensino é sempre situado, com alunos reais em situações definidas.

Portanto, faz-se imprescindível que o professor tenha “jogo de cintura”, sensibilidade e “saiba ler” a realidade posta ao processo educacional. Com a finalidade de os ensinamentos cheguem até os ensinados da melhor maneira que estes aprendentes captem, assimilem e desenvolvam os conteúdos propostos. Para tanto, faz-se necessário um *approach* didático-pedagógico contextualizado, que privilegie o debate retroalimentado pela realidade vivida; o ensino, que produza ligações e intercomunicação com os conhecimentos do cotidiano para que produza significado; práticas que produzam, de fato, ensino-aprendizagem significados e (re)significados.

Antes de continuarmos essa discussão, faz-se cogente que abramos um parêntese aqui para o cuidado que devemos ter com o discurso falacioso, proposto pelo **capital**, do **ensino por competências** que vem sendo disseminado nos espaços educacionais. As ideias capitalistas¹ por si só já são embevecidas de i) crescimento de desigualdades sociais – por conta do acúmulo do capital –, ii) predominância da produtividade – obtenção do lucro e acúmulo de riquezas –, iii) exploração da classe trabalhadora e iv) menor intervenção do Estado. O que não defendemos aqui. O Estado pode ser máximo, mas, nunca deve *ser mínimo* – como preconiza o neoliberalismo. O Estado deve/precisa ser suficiente a população a fim de lhe garantir vida digna

¹ Ver mais sobre o capitalismo predatório no artigo intitulado “*O trabalhador de aplicativo de mobilidade urbana sob demanda: recrutamento, seleção e decisão*” (SILVA JUNIOR 2021a) que aborda como o cotidiano laboral das pessoas têm sido afetado pelas ideologias neoliberais darwinistas.

e cidadã², fato que não tem se consubstanciado, ao menos quanto aos investimentos efetivos em Educação na atualidade em nosso país. Assim como há tempos já afirmava Freire que investimentos em educação provoca “mudança nas pessoas” e as “pessoas transformadas” mudariam a sua realidade e o mundo.

Dessa maneira, deve-se ter muito cuidado com o discurso camuflado da *qualidade do ensino*, baseado no discurso das *competências meramente individuais e individualistas*, as quais geram apenas *competitividade* proveniente do capitalismo selvagem e darwinista, na medida em que essa competição introjeta no indivíduo o ideário de ‘sucesso pessoal’ como meio para a ascensão social. A educação, ao escolher como perspectiva a *pedagogia das competências* – principalmente com vistas a empregabilidade³ – legitima a passagem de uma educação centrada em saberes para uma educação marcada pela *produção de competências, habilidades técnicas⁴ e execução de tarefas específicas e conteudistas*. Dito tudo isto para ratificar que não é o que defendemos neste artigo, mas, sim uma educação crítica, criativa e reflexiva, inclusiva, dialética e cidadã, como sugerida por Freire (1996). Fecha-se então o parêntese para dar espaço à discussão proposta pelo *papar*.

A temática “bom professor” sempre vem à tona nas aulas de Didática e gera discussões importantes. Frequentemente, os/as estudantes mencionam atributos relacionados a atitudes e conhecimentos dos professores como parte da construção do “bom professor”. Nas palavras de Nóvoa (2009, p. 03)

² Para maior entendimento, ler artigo intitulado “*Discussões sobre sociedade, educação, currículo, avaliação da aprendizagem e relações de poder*” (SILVA JUNIOR, 2021d) que aborda a temática proposta e suas imbricadas relações.

³ Aprofundar mais pela leitura do artigo “*Talking about human formation at the interface with identity and difference*” (SILVA JUNIOR; BARRETO, 2021d) que aborda a formação humana voltada para o desenvolvimento da identidade/diferença e não apenas para “formatar” trabalhadores.

⁴ Conferir, também, o artigo “*Ensino de inglês em franquias: um olhar educacional sobre os dados, informações e conhecimentos advindos de outra área de conhecimento*” (SILVA JUNIOR, 2021d), que aborda a qualificação profissional – habilidade e competências técnicas – do “ensino como serviço” voltados para o mercado.

“durante muito tempo, procuraram-se os atributos ou as características que definiam o bom professor. Esta abordagem conduziu, já na segunda metade do século XX, à consolidação de uma trilogia que teve grande sucesso: saber (conhecimentos), saber-fazer (capacidades), saber-ser (atitudes)”. Uma gama de reflexões teóricas veio à tona e, dentre as discussões, o cenário da formação docente se expandiu para que o exercício docente pudesse ser analisado a partir das concepções dos futuros professores.

Tendo como ponto de partida essa possibilidade de ouvir os licenciandos, uma das atividades propostas para as turmas matriculadas no componente de Didática⁵ foi realizar uma roda de discussão teórica centrada na obra de Paulo Freire “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática docente”. Durante a realização da roda, algumas das falas recorrentes foram: “um bom professor faz dessa forma...”, “um bom professor age assim”, “quero ser uma boa professora, por isso eu seria assim...”.

Sobre os achados desta pesquisa, inicialmente, vale chamar a atenção para o fato de que, em seus estudos, Candau (2000) propõe uma Didática multidimensional e, que, a partir da análise de práticas pedagógicas reais, forneça os instrumentos para a transformação da atuação do professor. Para tanto, é essencial que haja o entrelaçamento de três dimensões: a humana, a técnica e a político-social. Nos próximos tópicos serão apresentadas as categorias emergentes das falas dos participantes e as possíveis conexões dessas categorias com as propostas de Freire (1996).

Concepções de “bom professor”

E 1 O bom professor é aquele que sabe se colocar no lugar do aluno, é **humano** nas suas decisões e posturas na sala de aula e também fora dela.

⁵ Esse componente é oferecido no 5º semestre do curso de Letras da Universidade *lócus* deste estudo

E 3 Que tenha uma boa base de conhecimento acadêmico, mas que as use com humanidade , como um canal de transformação regados de sabedoria, amor e muita empatia.
E 9 Um bom professor é aquele que desenvolve seu papel de forma humanizada , entendendo o aluno e construindo com ele.
E 10 Que além de professor, seja humano [...]

Quadro 1: Categoria 1 - Professor humano

E 8 Tem que ser um profissional que esteja empenhado em ensinar , ajudar, não seja um profissional que se orgulhe de ser uma barreira na vida acadêmica de qualquer estudante. Ensinar, contribuir para a evolução do estudante deve ser seu principal objetivo.
E 19 Como um profissional que saiba passar seu conteúdo para os alunos, mas que se preocupa em procurar saber de seus alunos se eles compreenderam o tema abordado durante as aulas.
E 14 Aquele professor que seja claro no modo de passar o assunto e extrovertido.
E 16 [...] Aquele que dá suporte nas atividades que gosta de explicar cada detalhe do assunto , para que todos compreendam o conteúdo.
E 17 [...] Aquele que não deixa sua aula se tornar chata, monótona, cansativa. Aquele que sabe o conteúdo a ser ministrado se faz entender e que se preocupa com isso. Será que o aluno entendeu? Será que fui claro? Acho que são perguntas que o professor sempre deve se fazer pra ele ser considerado bom.
E 18 Um bom professor é dinâmico, comunicativo, que promove a circulação de conhecimento .
E 23 O bom professor também precisa entender que assim com a teoria, uma boa prática é fundamental na construção do conhecimento.

Quadro 2: Categoria 2 - Professor que sabe ensinar o conteúdo

E 4 Prestativo, compreensivo , disposto a ajudar.
E 6 Compreensiva e dedicada
E 8 Um bom profissional docente, para mim, considero que seja alguém compreensivo , que escute o estudante, respeite o ritmo de aprendizagem do estudante, direcione o estudante respeitando suas vontades.
E 15 Um professor compreensível e amigo.
E 16 Aquele que sempre tem compreensão , que busca compreender a real situação aluno.
E 24 Ser compreensivo , especialmente em épocas de aulas remotas, para mim é a principal característica [...]
E 7 Um professor que seja flexível, que tente entender as dificuldades dos seus alunos.
E 15 Que entende as dificuldades dos alunos , principalmente daqueles que estudam a noite.
E 20 Um bom professor é aquele que compreende as dificuldades dos alunos e cria estratégias para desenvolver suas aprendizagens, ele deve ser compreensivo

E 24 [...] pois **entender as dificuldades** que os alunos estão passando é agir como um bom professor.

E11 Uma boa professora ou um bom professor é aquele que **compreende** e leva em consideração a realidade dos alunos, que respeita suas fragilidades sem desmerecê-los.

Quadro 3: Professor compreensivo/ que entende as dificuldades dos/das estudantes

E 4 Aquele que tenha **amor** pela profissão!

E 13 Um professor que seja dinâmico, alegre e que não leve sua prática como um fardo, ao contrário disso, que demonstre muito **amor**.

E 21 Aquele que tem **amor** pela sua profissão, tem uma escuta sensível e sabe dialogar com a turma.

E 22 [...] Para mim o bom professor demonstra com atitudes e palavras que **ama** a profissão. Ele se entrega sinceramente em prol da transformação positiva dos estudantes.

E 25 Aquele que se dedica muito, investe em formação e, principalmente, **ama** o que faz.

Quadro 4: Categoria 4 - Professor que ama o que faz

E 3 Um bom professor é aquele que dá sentido ao que faz, sua prática traz presença e transformações, **além de compartilhar seus conhecimentos e vivências, ele também aprende com seus alunos**.

E 10 [...] Aquele **que não queira só depositar seu conhecimento mas, que esteja aberto para aprender com seus alunos**, ouça suas opiniões sem criticá-los negativamente e que suas críticas, sejam críticas construtivas.

E 12 Seria um profissional comprometido com seus alunos, que conseguisse compreender que **ser docente não é ser superior mais sim junto aos alunos buscarem por conhecimento**.

E 20 Está disposto a **ensinar e aprender** com a convivência.

Quadro 5: Categoria 5 - Professor que ensina e aprende

O que se pode observar a partir da análise dos excertos, é que os futuros professores participantes deste estudo compreendem que o papel dos educadores está fortemente atrelado a uma dimensão humana (**categoria 1 - professor humano**), que tem como centro do processo de ensino-aprendizagem a relação interpessoal. A perspectiva dessa abordagem é subjetiva, destaca aspectos afetivos e vai muito além dos conteúdos que necessitam ser trabalhados. Sobre essa questão, Freire (1996, p. 33) nos assegura que “transformar a experiência em puro treinamento técnico é

amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.”. Essa postura humana na tomada de decisões e no desenvolvimento de práticas que os estudantes demonstraram valorizar é o que abre caminho para a “humanização do humano” proposta por Freire e para o reconhecimento da natureza ética do fazer educativo, “enquanto prática especificamente humana”. (p.65).

Além da predominância dessa dimensão humana, corroboramos com Ventura et al. (2011) que “os estudantes parecem concordar que o importante, em sala de aula, é o instruir bem, o que pode ser traduzido pelo domínio de conhecimento da matéria que o professor ministra na aula.”. É importante destacar que a **categoria 2 (professor que sabe ensinar o conteúdo)** sugere que o domínio do conhecimento dos conteúdos deve estar imbricado no modo que cada professor tem de se fazer entender, e esse domínio está ligado à dimensão técnica, apontada por Candau (2000) como aquela ligada ao processo de ensino-aprendizagem enquanto ação intencional, sistemática, que além de objetiva e racional, direciona o professor a organizar as condições mais favoráveis para que haja resultados na aprendizagem.

A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. (FREIRE, 1996, p. 10)

Em pesquisa anterior, Nemser (1983) destacou que estudantes e professores raramente mencionaram a importância de atributos intelectuais ou de conhecimentos de conteúdo para se referir a um professor de qualidade. Outras pesquisas (Martinez, 2010; Cunha, 2010; Ventura *et al*, 2011) evidenciam que muitos estudantes valorizam professores que demonstram ser especialistas no seu domínio de conhecimento, isto é, conhecem muito bem as temáticas trabalhadas e têm facilidade de explicar os conteúdos no decorrer das aulas.

No que tange à **categoria 3**, aqui destacada como **“professor compreensivo/ que entende as dificuldades dos/das estudantes”**, observamos, a partir das respostas dos participantes, a forte ligação com a categoria 1 “professor humano”, visto que as concepções atravessam questões muito particulares das práticas consideradas humanizadas, como: respeitar o ritmo de aprendizagem do estudante, ser flexível, entender as dificuldades, respeitar as realidades, entre outros.

Essa necessidade de compreensão sinalizada nas respostas vai ao encontro do que Freire (1996, p. 119) pontuou: “É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele.” Ademais, a Pedagogia da Autonomia salienta que é nessa abertura ao “querer bem” que o professor acaba selando seu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.

“Professor que ama o que faz” foi a **quarta categoria** destacada a partir das respostas dos/das participantes. Os dizeres remetem a concepção de que a maneira como o professor conduz suas aulas, seu comprometimento e suas demonstrações de afinidade com o que faz despertam nos/nas estudantes admiração. Por isso, corroboramos com Freire (1996, p.66) ao destacar que “[...]o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e

das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

É justamente essa marca positiva que os participantes destacaram nas respostas: o amor demonstrado pela profissão, a escuta sensível e, como Freire (1996) defendia: a convivência amorosa e o desenvolvimento de uma indispensável amorosidade como essenciais para reforçar o compromisso com os educandos e com o processo formador que nós, professores, fazemos parte.

Por fim, a **última categoria** destacada foi **“Professor que ensina e aprende”**. O conjunto de respostas apresentadas vão ao encontro da máxima proposta por Freire (1996, p. 23) de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Essa afirmação é um desdobramento de um saber considerado por Freire como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista: saber que ensinar não é transferir conhecimentos. Tendo esta consciência, o professor compreende que “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma -se e forma ao ser formado.” (p.23).

Nessa direção, mais uma ideia nos é apresentada, a de que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. (p.23). Essa consciência da relação de bidirecionalidade do processo de ensino-aprendizagem possibilita ao professor ter ciência do seu potencial de incentivar o estudante a re/des/construir o conhecimento quantas vezes for necessário, sempre a partir de um viés crítico.

Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. **Minha segurança se funda na convicção de que sei**

algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. (FREIRE, 1996, p. 135, grifos nossos)

Essa disponibilidade para aprender com o que fazem cotidianamente e com os próprios aprendizes fortalece nos educadores a consciência de que é essencial, conforme Freire (1996, p. 72) “participar de um movimento constante de busca”, visto que esse movimento provém de uma postura curiosa, indagadora, reflexiva, aberta à procura e, conseqüentemente, inspira os educandos a exercitar diuturnamente a capacidade de aprender.

Além das categorias emergentes, destacamos a dimensão política, que de acordo com Candau (2000) enfatiza o processo de ensino-aprendizagem como um todo, impregna toda a prática pedagógica e possui em si uma forte dimensão político-social. Apenas dois participantes sinalizaram para esta dimensão em suas falas, as quais estão transcritas abaixo:

E 17 Considero um bom professor aquele que encara a Educação como um **ato político**, que se engaja na luta por uma educação de qualidade. (grifos nossos)

E 05 Ao compreender que **a natureza da educação é política e pedagógica**, o bom professor é aquele que luta na defesa das melhorias no ensino (destaque para o PPC dos cursos) e que põe em prática essas melhorias que não devem ficar apenas no papel. (grifos nossos)

Os dizeres remetem a uma concepção ligada à tarefa político-pedagógica dos educadores e educadoras críticos mencionada diversas vezes por Freire (1996), o que reforça a relevância da luta como uma maneira consistente de ser presente no mundo, tendo a experiência na escola como um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido. “A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito

às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade” (FREIRE, 1996, p. 112-113). Essa postura defendida e tão disseminada nas obras do autor ratifica que “ensinar exige tomada consciente de decisões” (p.96).

Diante dos dados analisados, cumpre destacar que as falas dos/das graduandos/das muito dizem sobre as concepções dos estudantes acerca dos professores que cruzam seus caminhos nos cursos de formação de professores. Os resultados encontrados neste estudo se cruzam com as ideias defendidas por Freire (1996), visto que, quanto mais pensamos sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige dos profissionais da Educação, mais entendemos nosso dever de lutar para que esse fazer seja respeitado. Ademais, os resultados se aproximam também do estudo de Cunha (2013) que foi produto de sua tese doutoral defendida em 1988. Isso significa que, mais de trinta anos após o estudo, as concepções dos/as estudantes sobre o “bom professor” permanecem valorizando aspectos relacionados à dimensão humana e à dimensão técnica, em detrimento da dimensão política.

O exercício do “bom professor” com base na Pedagogia da Autonomia proposta por Freire: uma realidade possível?

As diversas práticas desenvolvidas pelos professores durante sua trajetória carregam consigo fortes marcas identitárias, as quais fazem parte de um processo de construção permanente e se relacionam diretamente com as representações que os docentes compartilham sobre a docência. Nóvoa (2009) assegura que a identidade se configura como um espaço de lutas, batalhas e conflitos, pois é neste espaço que o professor constrói suas maneiras de ser e de estar no mundo. Dessa forma, podemos perceber que o processo identitário atravessa a nossa capacidade de exercer com autonomia a atividade humana,

e isso perpassa a maneira como nos colocamos diante dos nossos alunos e como somos vistos por eles.

A dissertação intitulada “Representações Sociais de professores sobre a docência superior”, de autoria de Oliveira (2021), analisou, dentre outras questões, as maneiras de ser professor. Os resultados encontrados apontam que “com o decorrer do tempo é possível construir uma maneira particular de ser professor, visto que são indivíduos que atribuem sentidos apropriados às suas práticas” (p.86). Nesse sentido, os indicadores do estudo apontaram para o fato de que os professores tiveram “a oportunidade de edificar uma maneira singular de se ver e se compreender, orientando sua ação educativa a partir dessas concepções.” (p.86)

Ainda conforme Oliveira (2021, p.85) “cada professor, no exercício de sua profissão, constrói maneiras próprias de ser e de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, o que permite que, frequentemente, sua maneira de ser se cruze com a sua maneira de trabalhar.”. Outrossim, a atuação docente exige postura crítica, reflexiva, disposição para pensar e repensar na construção de conhecimentos e nas diversas aprendizagens que decorrem desse exercício.

De forma simples, Nóvoa (2009) procurou identificar cinco facetas que, de acordo com seus estudos sobre a construção de uma *profissionalidade* docente, não pode deixar de se construir no interior de uma *pessoalidade* do professor. Para ele, o conhecimento, a cultura profissional, o tacto pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social fazem parte das disposições essenciais aos professores e que se direcionam para a ligação entre as dimensões pessoais e profissionais na produção identitária dos docentes.

Ao analisar essas disposições e relacionar com o questionamento proposto aos participantes neste estudo, apreendemos que o trabalho do professor deve, fundamentalmente, se voltar para a construção de práticas que conduzam os alunos à aprendizagem. Ademais, é importante que os

profissionais tenham a consciência de que ser professor é compreender os sentidos da instituição na qual estão inseridos, e, como propõe Nóvoa (2009, p. 3) “integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes”, visto que é no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. Dessa maneira, observamos que, inevitavelmente, as dimensões profissionais cruzam-se com as dimensões pessoais.

A análise dos dados coletados neste estudo possibilitou o entendimento de que a ideia de “bom professor” é muito variável entre os/as estudantes e ainda que eles tenham apontado certos indícios de consenso quanto a descrição de um professor considerado bom, há complexidade por trás dessa tentativa de definição, até porque o “bom professor” não pode ser visto como um conceito acabado, pois as práticas desenvolvidas pelos professores estão ligadas a um processo de construção ao longo de uma carreira profissional.

Sobre essa questão, Nóvoa (2009, p. 2) sinaliza que

Sabemos todos que é impossível definir o bom professor, a não ser através dessas listas intermináveis de competência, cuja simples enumeração se torna insuportável. Mas é possível, talvez, esboçar alguns apontamentos simples, sugerindo disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas.

Entre essas disposições essenciais para a definição dos professores na contemporaneidade, o autor destaca o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social. “Elas servem-nos de pretexto para a elaboração das propostas seguintes sobre a formação de professores. São propostas genéricas que, devidamente contextualizadas, podem inspirar uma renovação dos programas e das práticas de formação.” (NÓVOA, 2009, p. 4).

Nessa toada, destacamos, com base em Freire (1996, p. 86) que

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Desta forma, reconhecer a necessidade de uma postura “dialógica, aberta, curiosa, indagadora, não apassivada enquanto fala ou enquanto ouve” (p. 86) abre caminhos para que o professor desenvolva práticas significativas tanto para si quanto para os/as estudantes, com o constante estímulo da pergunta, da indagação, da reflexão. Sobre a perspectiva defendida nesta produção, uma das respostas contemplou a seguinte concepção:

E7 Para mim, ***um bom professor é aquele que suas práticas se assemelhem das descritas por Paulo Freire.*** Um bom professor é aquele que se preocupa com o aprendizado do aluno e não perde tempo com demonstrações de poder e autoritarismo. (grifos nossos)

A fala revela o apreço pelos professores que têm um “jeito de ser docente” de Paulo Freire (SAUL, 2012), bem como um conhecimento sobre o legado freireano, que valoriza a prática docente interessada em planejar/organizar/reorganizar metodologias voltadas para o processo de ensino-aprendizagem pautado em uma perspectiva crítica e transformadora. Perceber a afeição dos estudantes por Freire e suas propostas nos impulsiona a “construir e sistematizar uma práxis coerente com os princípios fundamentais da obra freireana”. (SAUL e SAUL, 2016, p. 72)

Com base em Freire (1996, 2000) na sala de aula, as atividades docentes e discentes ocorrem em relação e de maneira intencional, organizada. Nesse panorama, o bom desempenho profissional também tem relação com a postura do professor que ouve o aluno, a fim de estimular a participação discente, evidenciando que essa participação é peça-chave na aprendizagem de todo o grupo.

Para além do destaque de condutas, características e atitudes dos professores considerados “bons”, uma das respostas contemplou a seguinte concepção:

E 2 ***Um bom educador não precisa ser aquele ser idealizado***, dotado de todas às qualificações possíveis. Um bom educador é aquele que enxerga sua prática com uma (re) construção constante, que enxerga no estudante um livro: com páginas escritas e partilhadas, com páginas em branco que serão escritas em conjunto. ***Um bom educador é aquele sensível ao mundo, que é generoso na partilha e ilimitado nas imaginações.*** (grifos nossos)

Os dados sugerem que a seriedade e a sensibilidade com que o docente encara e desenvolve suas práticas permitem com que ele compreenda que o ensinar e o aprender são ações que se atravessam permanentemente e contribuem para construir as impressões consensuais sobre o que esperam do exercício dos professores. Diante desses resultados é importante levar em consideração que, como bem pontuou Freire (1996, p. 97) “a percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo”.

Palavras (in) conclusivas

Este estudo possibilitou compreender as concepções que os/as estudantes do curso de Letras de um Centro de Formação de Professores têm sobre o “bom professor”. Dessa maneira, a análise se ancorou em aspectos relacionados à imagem social dos docentes e às suas atribuições profissionais. O objetivo foi delineado com o intuito de buscar respostas às indagações destacadas no decorrer da produção, assim como, sondar o campo e construir uma compreensão acerca das visões dos/das estudantes sobre o comportamento dos seus professores no que se refere às práticas desenvolvidas.

É ao educador, a quem cabe a importante tarefa de tomar decisões referentes ao fazer docente desenvolvido em processos formativos que visem a aprendizagem dos/das estudantes. Por conseguinte, não é possível que este profissional seja visto de maneira estanque e isolada, já que vários fatores condicionam suas práticas, as quais são concretizadas em diversos espaços - inclusive espaços aquém/aula, mas, não aquém/educacional.

Destarte, a pesquisa não caminha na direção de encontrar o modelo ideal do “bom” professor, mas aponta para a necessidade de intensificar o debate sobre as percepções dos estudantes acerca dos professores que passam pela sua trajetória acadêmica, bem como o que eles desejam/esperam de cada um de nós. Outras perspectivas investigativas nessa direção, podem, certamente, despertar o exercício de re(pensar) posturas e práticas que contribuem para a qualidade do exercício profissional.

Referências

AMADO, João; COSTA, André Pedro; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. Procedimentos de análise de dados. In: AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em Educação**. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 301-354.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 14. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

CUNHA, António Camilo. Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. **Educação em revista**, v. 11, n. 2, 2010.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. Papyrus Editora, 2013.

FERNANDES, E. Perfil psicossociológico e analítico do professor humanista. **Revista da Universidade de Aveiro**, Aveiro, p. 35-62, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTÍNEZ, A. C. (2010) - ¿Cómo es el buen profesor universitario según el alumnado? **Revista Española de Pedagogía**. Año 68, nº 246, p. 223-242

MOTA, Janine da Silva. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019.

NEMSER, S. F. Learning to teach. In: SHULMAN, L.; SYKES, G.; LED, I. **Handbook of Teaching and policy**. New York: Longman, 1983. p. 25-39.

NÓVOA, Antonio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, Edmila Silva de. **Representações sociais sobre a docência superior nos cursos de pedagogia da UESB: saberes e dimensões**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 125f, 2021.

OLIVEIRA, Edmila Silva de; BARRETO, Denise Aparecida Brito. A dimensão da socialização profissional dos saberes docentes: experiências significativas para a docência. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 1-15, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i6.8854. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8854>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SAUL, Ana Maria. Uma prática docente inspirada no “jeito de ser docente” de Paulo Freire. **Rizoma freireano**, n. 12, p. 4, 2012.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Uma prática docente inspirada na pedagogia freireana: a experiência na cátedra Paulo Freire da PUC-SP. **Interritórios**, v. 2, n. 2, 2016.

SILVA JUNIOR, Germinio José. O trabalhador de aplicativo de mobilidade urbana sob demanda: recrutamento, seleção e decisão. **Revista de Administração Unimep (RAU)**, v.19, n.2, p. 187-203. 2021a. Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/1826>. Acesso em: 15 de fev. 2022.

SILVA JUNIOR, Germinio José. Discussões sobre sociedade, educação, currículo, avaliação da aprendizagem e relações de poder. **Ensino em**

Perspectivas, v.2, n.2, p. 1—17. 2021b. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4973>.
Acesso em: 15 de fev. 2022.

SILVA JUNIOR, Germinio José. BARRETO, Denise Aparecida Brito. Talking about human formation at the interface with identity and difference. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n.1, e12781, p. 1—6, 2021c. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/13060>. Acesso em: 15 de fev. 2022.

SILVA JUNIOR, Germinio José. Ensino de inglês em franquias: um olhar educacional sobre os dados, informações e conhecimentos advindos de outra área de conhecimento. **VIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Praxis Educacional (Gepraxis)**, Vitória da Conquista-BA, v.8, n.10. 2021b. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/issue/archive>. Acesso em: 15 de fev. 2022d.

VENTURA, Maria Clara Amado Apóstolo et al. O “bom professor” – opinião dos estudantes. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 5, p. 95-102, 2011.

Sobre os(as) autores(as):



Me. EDMILA SILVA DE OLIVEIRA

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (PPGE - UNIFESP). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGE-UESB); Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas (GELFORPE/CNPq).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2165030751597412>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4357-0698>

E-mail: edmilaoliveira@ufrb.edu.br



Me. GERMÍNIO JOSÉ DA SILVA

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pesquisador participante da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas (GelForPe/CNPq).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3398109621580540>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0675-7349>

E-mail: germiniojr@gmail.com



Dra. DENISE APARECIDA BRITO BARRETO

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL e do Programa de Pós-graduação em Educação/ PPGEd da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB (Vitória da Conquista/BA/Brasil). Coordenadora do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas – GELFORPE/UESB.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707078113782228>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-5109>

INFORMAÇÕES PARA CITAÇÃO:

NOME DA OBRA	Formação de Professores e Práticas Educativas
ISBN	978-65-00-72510-0
ORGANIZADORES	BARRETO, Denise Aparecida; SANTOS, Igor Tairone Ramos dos; GUSMÃO, Rogério (org).
EDIÇÃO	Ed. dos Autores
CIDADE E ANO	Vitória da Conquista, 2023
URL	http://www2.uesb.br/ppg/ppged/publicacao_livro/formacao-de-professores-e-praticas-educativas



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

